

A collage of 12 black and white photographs showing various people in different settings, overlaid with a large, stylized orange and white graphic element resembling a film strip or a large letter 'C'. The photos include: a woman in a dark jacket looking down; a woman in a light-colored top looking up; a woman in a dark jacket looking down; a woman in a light-colored top looking up; a woman in a dark jacket looking down; a woman in a light-colored top looking up; a woman in a dark jacket looking down; a woman in a light-colored top looking up; a woman in a dark jacket looking down; a woman in a light-colored top looking up; a woman in a dark jacket looking down; a woman in a light-colored top looking up. The graphic element is a large, stylized orange and white shape that curves around the photos, resembling a film strip or a large letter 'C'.

colagem. Um pedaço de bairro que virou
não explica e nem dá conta. O que explica

po. Taquara, Freguesia, Curicica... nomes
dos territórios mais simbólicos do Rio: A

mo um território que foi sendo dividido ao
dele, a Cidade de Deus constrói identidade,

...irjan SESI. E você, vem com a gente nesse

...e sabe: todo dia começa com deslocamento.
com a chegada do BRT e das grandes vias,

b. De um lado, condomínios fechados,
de Deus. Onde a realidade econômica é

... parte da população vive com renda mais do bairro. Ou melhor, empreendedorismo.

os, venda na porta de casa e
e, depósito de bebidas, mercadinho, loja
ora dar conta do que falta.

s, que é o Bar da Dona Joaquina. E isso, eu
 ório, sabe? Por que é isso, quando você tem
 meio que um líder ali também. Porque você
 a troca, tem a confiança de poder pegar
 , que podia ir para cima, para baixo, brincar



e tudo mais.

Samara Costa: O neto da Dona Joaquina se chama Diego Ribeiro, mais conhecido como Digão. O aumentativo não é à toa. Ele é grande no tamanho e na presença.

Digão: Retinto. Forte. Pode-se dizer gordinho, um pouquinho plus. Tô querendo diminuir, é um processo. É, cabelo afro, um blackzinho batido, tô com um pouquinho de barba, e uma camisa branca e uma calça jeans, e um sapato descolado.

Samara Costa: Ser o neto da Dona Joaquina significava circular. Mas essa liberdade começou a mudar com o tempo. Por volta dos 10 anos, a família apertou o cuidado. A proteção aumentou atravessada por uma realidade muito concreta: ser um menino negro retinto morador de favela.

Foi nesse momento que a arte começou a aparecer como caminho. Os pais, ligados à dança, entenderam que era preciso direcionar essa energia. E os projetos sociais da própria comunidade abriram portas. Era Cineclube, Grafite e vivências culturais que iam, aos poucos, ampliando o olhar de Digão.

Digão: Eu acho que a favela tem o seu organismo cultural ali que pulsa, independente do que a gente encontra no asfalto, e que também é muito rico. Então eu tive vários momentos dentro da comunidade que eu ainda não entendia que era o meu corpo, o meu eu, pedindo para que eu me entregasse à arte.

Samara Costa: E aí vem um episódio que ficou guardado. Um dia das crianças em uma quadra cheia de pessoas. Ao lado, um carro de som lançando um desafio simples:

MC Dourado: “Alô, criançada da CDD! Vai rolar aquele super mega prêmio pra quem dançar melhor. Vem, vem vem! Vem você também criançada. Vem participar desse duelo de dança. Isso vai animar todo mundo. Alô da de Deus! Bora CDD. Dança, bora. Quebra tudo!”

Samara Costa: E claro, Digão se jogou. Deu tudo de si! A música? Ragatanga, da banda Rouge.

Digão: Uma quadra lotada, um carro imenso, vendo um monte de gente. Não sei como eles me viram dançando na quadra. Acho que estava me entregando muito. E eu fui premiado em frente à Cidade de Deus inteira. Dançando “Aserehe-ra-dehe”... E eu lembro que quando eu ganhei o prêmio, eu falei assim, meu Deus, agora já era. Porque como é que eu vou contar pra minha mãe que eu ganhei esse prêmio dançando um ragatanga? Mas foi tão bonito assim, sabe?

Samara Costa: O prêmio era pequeno, um brinquedo simples. Mas o impacto... não. Entre a alegria e o medo, veio também a consciência de que tinha algo ali que precisava ser protegido, com muito cuidado.

Digão: E dali, não é que tenha surgido uma paixão oculta, mas eu acho que um primeiro segredo assim, sabe? Que eu precisava guardar, porque eu sabia que tinha um tesouro ali. Me sentia muito bem fazendo aquilo. E aí logo depois foi me apostando por musicais, e aí só consumindo, mas sem nem cogitar ou entender quais seriam os passos possíveis para realizar esses sonhos.

Samara Costa: O teatro não entrou como um plano. Entrou como necessidade. Necessidade de



pertencimento... mas também de expansão. Desde cedo, existia um movimento dentro da família: garantir que ele fosse da Cidade de Deus, mas que também entendesse que o mundo não terminava ali.

Digão: Então eles sempre investiram muito na minha educação. Eu lembro que da minha quarta série para a quinta, que a gente mudou de escola. A minha mãe optou por me colocar numa escola de excelência no Tanque, que era em Jacarepaguá ainda, mas era fora da Cidade de Deus.

Samara Costa: A mudança de escola, da quarta para a quinta série, foi um marco. Sair de um espaço onde todo mundo conhecia ele, pra outro completamente diferente, ali no Tanque. Foi um choque. Dentro e fora. Na Cidade de Deus, ele era conhecido. Tinha história, tinha vínculo. Não era qualquer um. Era o neto da Dona Joaquina. E, de repente, passa a ser mais um corpo em trânsito entre territórios.

Digão: E isso foi um choque tão grande dentro do território em si, porque era isso, um bibelô, um mascotinho, que tinha ali porque eu estudava a minha vida toda em frente à minha casa. Que era o bar da minha avó, que atendia essas crianças, essas crianças, essas professoras. Então, existia ali na comunidade um torcer, sabe, por aquela figura.

Samara Costa: Mas essa decisão não foi dele. Foi escolha da mãe. Uma aposta que, mesmo cercada de dúvidas, ela sustentou bravamente.

Digão: E a minha mãe bancou e falou assim, não, eu quero que ele conheça os lugares e expanda isso assim e aí de lá surgiu essa necessidade de tipo de conhecer e descobrindo.

Samara Costa: Hoje, olhando pra trás, ele entende. Entende que aquele caminho, cheio de deslocamentos, também foi necessário. Porque existir fora do território... nem sempre é simples. Existe uma resistência. Uma espécie de tensão invisível que atravessa quem sai da periferia e ocupa outros espaços.

Digão: Mas eu sabia da importância de ser eu mesmo em algum momento. De eu vencer a timidez, de eu vencer talvez a insegurança de ser um dos poucos negros, de ser um dos poucos expansivos, assim, sabe? Porque ali também tinha uma riqueza, sabe? Ali também tinha uma potência e quando as pessoas vinham, elas falavam assim: "nossa, muda um clima, assim, sabe? Traz um outro ar para essa atmosfera". Então foram missões que eu fui adotando para mim. Para todos os lugares que eu fosse habitando desde então.

Samara Costa: E foi justamente após o ensino médio que o teatro apareceu quase por acaso. Veio de um convite simples de uma amiga. Aquilo gerou curiosidade, mas bastou uma aula. No primeiro exercício de teatro ele já sentiu que tinha alguma coisa diferente. Ali... ele se reconheceu.

Digão: E aí quando a gente fez a cena que terminou a nossa esquete, a professora tava chorando. E ela olhou para os alunos dela que estavam sentados e ela falou assim: "você viram isso?" Aí todo mundo fez assim, afirmou com a cabeça, aí ela falou para mim: "você encontrou sua casa".

Samara Costa: E encontrou mesmo. A Digão já estava certo de que iria cursar Produção Audiovisual. Essa primeira experiência com o teatro foi tão forte que resolveu mudar de rota. Ele pediu transferência para Artes Cênicas na faculdade, logo em seguida, entrou na renomada Escola Técnica de Teatro Martins Pena e se formou ator. É ali na Martins que meu caminho se cruza com o do Digão. Eu e ele estudamos na



Martins na mesma época. Um período de descoberta artística, tanto pra ele quanto pra mim.

Digão: Mudei, fiz uma transferência para licenciatura em teatro e no semestre seguinte eu tava entrando na Martins Pena, em segundo lugar, tá? A gente tá vindo top 3, por favor! Muito bom! E aí, com 19 para 20 anos, no meu último período de Martins Pena, no penúltimo período de Martins Pena, a gente inventou de ocupar a escola. E aí, durante a ocupação, houve uma seleção para o filme "Praça Paris".

Samara Costa: E foi a partir dali que o caminho começou a se abrir. Um trabalho puxando o outro. Um projeto levando a outro espaço. E, de repente, o território já não era mais limite. Era ponto de partida.

Dali surgiu o caminho pra todos os outros... Vieram reconhecimentos, indicação em festival, circulação. O nome começando a ocupar outros lugares. E junto com isso... as primeiras vezes. Primeira viagem pra fora do país, o primeiro passaporte. Tudo acontecendo rápido e com aquela mistura de surpresa e orgulho.

Digão: Fui indicado a melhor ator coadjuvante do Festival do Rio. Fui para Chicago pela primeira vez, fora do país. Ai, foi muito bom, cara. Tirei meu passaporte de graça, bicha. Hoje em dia é um dinheiro. Eu tenho visto para os Estados Unidos, sabia?

Samara Costa: Quando eu pergunto sobre o futuro, Digão não fala só de carreira. Ele fala de mudança estrutural. De reescrever caminhos que, por muito tempo, foram limitados.

Digão: Eu quero deixar um legado, e é isso, tipo, aplicando diretamente a minha luta e as minhas causas. Onde seja muito mais fácil e comum você encontrar diversidade de atores negros fazendo personagens que não passem por lugares marginalizados. Quero deixar um legado onde a gente consiga de fato ter uma equidade salarial, sabe, dentro desses espaços em que a gente trabalha. Quero, enquanto roteirista e futuro diretor que vai estar na faculdade de cinema agora, tá?

Samara Costa: Hoje, o trabalho do Digão atravessa formatos. Séries como Encantados e Dom. Produções que colocam ele em diálogo com outros públicos. E não para por aí. Já são participações em filmes, projetos audiovisuais, histórias que vão se acumulando e desenhando um caminho consistente.

Um caminho que não se limita ao que esperavam dele. Porque cada personagem, cada roteiro, também é uma forma de criar novos imaginários. De ampliar onde seu corpo pode ser visto. E talvez o mais importante não seja só onde ele chegou mas de onde ele partiu: Cidade de Deus. Jacarepaguá.

Isabela Peralta [cantando *Che Farò Senza Euridice*]: Che farò senza Euridice? Dove andrò senza il mio ben?

Samara Costa: É... Quem diria que encontraria uma cantora de música erudita em Jacarepaguá.

Isabela Peralta: Eu sou uma mulher de 1,65m, branca, cabelos ondulados. Cabelo escuro, olhos castanhos. Tenho descendência de meus avós são portugueses, então tenho uma sobrançelha muito grossa acho que eu sou mid-size faz parte, né e é isso.

Samara Costa: A história da Isabela Peralta começa de um jeito simples. No quintal da casa da avó.



Depois da escola, tinha rotina: almoço, dever de casa... e nada de televisão. Então o tempo livre virava outra coisa. Virava música.

Isabela Peralta: Então, assim, tem toda aquela coisa sem telas, eu vivi isso com a minha avó. E aí eu comecei cantando no jardim músicas que eu cantava na escola, músicas que eu gostava. E chegou um momento que essas músicas foram virando músicas que eu simplesmente estava compondo.

Samara Costa: Ali na inocência da infância, Isabela decidiu que queria ser famosa. Ela queria ser igual a Hannah Montana, só que sem peruca. Ser Hannah Montana talvez tenha sido o que a Isabela entendia como viver da música, de forma verdadeira e intensa.

O desejo de ser cantora se transformou em foco. Aulas de canto semanalmente, dedicação e muito estudo. A música nunca saiu do centro. Mesmo quando a vida levou pra outros caminhos. Na escola, por exemplo, ela até tentou seguir um percurso mais tradicional... Mas não durou muito.

Isabela Peralta: Acabei indo um ano para a Fiocruz, fiz um ano lá. E aí meio que me distanciei, assim, né? Saí da aula de música, saí dos estudos. Mas lá na Fiocruz eu fiquei só um ano. E eu ficava escondida, eu saía das aulas assim para ir para a sala de música.

Samara Costa: A mudança pro Colégio Pedro II marcou um novo momento.

>>>> som de sinal de escola <<<<

Ali, a música virou formação mais estruturada. Isabela passou 3 anos estudando piano e uma ampliação de repertório. Hoje, ela transita entre dois mundos. De um lado o canto erudito, mais técnico, mais tradicional. E o popular, mais livre, mais próximo do que ela cresceu ouvindo.

Desde então, Isabela tem trabalhado e estudado de forma mais acadêmica e também, junto a isso, vivendo o seu sonho de ser cantora profissional. E nos dois mercados, tanto no mercado erudito quanto no popular.

Em algum momento, o sonho encontrou uma encruzilhada. Seguir um caminho mais seguro... ou apostar de vez na carreira de cantora. Dentro de casa, a referência era clara. Pais professores. Valorização da educação e da estabilidade.

Isabela Peralta: Mas eu fui pra licenciatura primeiro, me formei. Na pandemia fiz ingresso na UFRJ pra licenciatura com o almejo de dar aula. Mas dar aula de canto que eu já dava aula de piano. Mas eu queria focar no canto que eu sempre gostei. Em paralelo a isso, já tinha um piano em casa. Então compunha as minhas músicas e fui trabalhando em projetos, cantando em casamento, cantando em festa, bolando planos.

Samara Costa: A relação da Isabela com a música também passa pelo tempo. Porque nem toda música nasce pronta. Algumas ficam em espera. Guardadas... amadurecendo junto com quem escreveu. "Por Você" é uma dessas. Uma composição que surgiu ainda na adolescência, quando tudo era mais direto, mais intenso, mais imediato.

Isabela Peralta: "Por Você", que foi uma música que eu escrevi com uns 16 anos, então 2017. E eu lancei essa música e eu nunca tinha pensado nela de uma forma que não fosse romântica, né?



De um amor romântico.

Samara Costa: Mas o tempo passou. E quando ela decidiu lançar a música, já em outro momento da vida, ela já não era mais a mesma pessoa que escreveu. E a música também não. A primeira mudança veio no formato. A ideia deixou de ser solo. Virou dueto. E não com qualquer pessoa. Com o irmão.

Isabela Peralta: Eu chamei meu irmão pra cantar comigo... ele não é cantor, mas tem uma voz boa."

Samara Costa: Essa escolha, que parecia simples, acabou abrindo outra leitura. Foi só depois, revisitando a música, já com ela gravada, publicada, circulando... que um detalhe chamou atenção. Um trecho específico. Uma frase que, até então, passava batida. E aí veio um boom. A música ganhou novo sentido.

Isabela Peralta: Eu vi uma parte da música que era assim, que fala o seguinte: "e não dá pra tentar esconder no olhar, só te ver feliz me faz decifrar que por você eu tento". E aí eu falei, gente, isso também é um amor de irmão. Porque assim, querer o outro bem, em qualquer amor, seja amizade, seja irmão, seja relacionamento amoroso.

Samara Costa: E essa releitura da música também passou pelo palco. No show que ela fez na Firjan Sesi Jacarepaguá ela dividiu esse momento com o irmão. Uma troca que saiu do estúdio e ganhou público.

Isabela é prata da casa! Já apresentou recitais no teatro e circulou por outros espaços como no Teatro Firjan Sesi em Duque de Caxias. Experiências que vão consolidando presença, repertório e confiança. Mas não só isso.

Ela também buscou espaços de formação e troca com outros artistas. Um deles foi a Incubadora de Artistas da Firjan Sesi Jacarepaguá, uma ação formativa gratuita voltada para jovens artistas e novos grupos de música, dança e teatro.

Mais do que um curso, a proposta funciona como um espaço de desenvolvimento de projetos. Um lugar onde ideias que ainda estão no começo podem ganhar estrutura e possibilidade de continuidade.

E olha que bacana! Essa incubadora pra Isabela não serviu só para aprender. Foi além! Ela encontrou outros caminhos possíveis. Outras sonoridades e principalmente outras referências.

Isabela Peralta: Foi a segunda Incubadora que fiz com o Gustavo da banda Road Rock, que é uma banda que faz tributo ao Queen, é rock em geral. E aí fiz com dois cantores, que é o Natan e o Adil Franco. E foi muito legal porque a gente tem essa troca de trabalhar com pessoas que são de outros gêneros.

Samara Costa: Jacarepaguá é feito de encontros improváveis. De caminhos que não são lineares. Trajetórias que, à primeira vista, parecem distantes... mas nascem do mesmo chão. De um lado, o Digão. Da Cidade de Deus pro audiovisual, ocupando telas, escrevendo histórias, pensando em futuro e mudanças. Do outro, a Isabela. Do quintal da avó pro palco, do canto popular ao lírico, transformando técnica em expressão, e sonho em prática.

Dois caminhos bem diferentes. Mas atravessados pela mesma coisa: o território. E talvez o mais potente



disso tudo seja entender que o território não define até onde você chega. Ele define o ponto de partida. E as histórias... essas continuam.

Samara Costa: E esse foi o primeiro episódio contado a partir do território de Jacarepaguá. Se você quiser acompanhar os bastidores, ver de perto o trabalho e conhecer melhor o Digão e a Isabela Peralta, é só seguir a gente no Instagram @firjansesicultura. A gente se encontra no próximo episódio, em outro lugar. Tchau!

Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e arte da Firjan Sesi. A realização é da Firjan Sesi e a produção é da Gandaia.